

Juntos e Misturados? Perspectivas e Representações dos Relacionamentos Afetivos Inter-raciais na Revista Manchete¹

Joana dos Santos ROSÁRIO²

Frederico de Mello Brandão TAVARES³

Universidade Federal de Ouro Preto, Minas Gerais, MG

RESUMO

As práticas jornalísticas, enquanto atividades constituídas por linguagens, imagens e discursos, constroem sentidos. Nas democracias contemporâneas, a mídia – e, por consequência, os jornalistas – é o principal agente de informações e propositor de análises da sociedade. No Brasil, desde o século XIX, a mídia, em sentido amplo, opera como catalisadora de expressões políticas e institucionais acerca das relações étnico raciais, o que contribui e contribuiu, direta e indiretamente na legitimação da desigualdade racial, (SODRÉ, 1999, p.243). Em outras palavras, é na mídia que acontece e em certa medida se constrói uma parcela significativa das relações étnico raciais no país. Após a abolição da escravatura, em 1888, a questão racial no Brasil emergiu como centro do debate, a população do país era composta majoritariamente por negros, o que para elite significava o passado e o atraso do país. Intelectuais brasileiros da época encontraram nas teorias científicas raciais uma suposta resolução para o problema. O quadro “A Redenção de Cam”, de Modesto Brocos, em 1911, materializou o pensamento e a questão da miscigenação no país, ao representar visualmente a tese “Sobre os mestiços no Brasil”, apresentada no Congresso Internacional das Raças, em Londres, pelo cientista João Batista Lacerda. Mais tarde, Gilberto Freyre, no livro “Casa-Grande & Senzala (1933)”, difunde a ideia de uma brasilidade mestiça. Nesse processo, o “mito da democracia racial” ganha notoriedade no pensamento nacional. E aponta para a lógica de que no Brasil as relações étnico raciais tornaram-se cordiais diante da figura do mestiço, em comparação a países como África do Sul e Estados Unidos, onde o sistema segregacionista ganhou grandes dimensões políticas. Nos tempos atuais, observa-se a presença de resquícios desse pensamento de exaltação das relações inter-raciais e do mestiço em detrimento da negritude na sociedade, sobretudo

¹ Trabalho apresentado na IJ01 – Jornalismo do XXV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 26 a 28 de maio de 2022.

² Graduanda do 7º semestre do Curso de Jornalismo pela UFOP, e-mail: joana.rosario@aluno.ufop.edu.br.

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UFOP, e-mail: frederico.tavares@ufop.edu.br.



em imagens e discursos veiculados na grande mídia. A partir desse pressuposto, esta pesquisa propõe analisar fragmentos discursivos presentes em duas reportagens veiculadas na revista *Manchete* (1952–2007), extinto periódico semanal de grande circulação no país, na tentativa de definir as atualizações acerca das representações dos relacionamentos inter-raciais retratados na revista ao longo de duas décadas, através de construções enunciativas ensejadas. Que indicam, portanto, mecanismos de produção e/ou reprodução de sentidos em torno das relações étnicos raciais no Brasil. O estudo analisa as reportagens: “Amor em preto e branco”, presente na edição de nº 537 de 1962, e “Casais Mistos: Retrato em preto e branco”, veiculado na edição de nº 1809 de dezembro de 1986. Essas reportagens fazem parte de um conjunto de cinco matérias veiculadas entre 1959 e 1991 que retratam a união afetiva inter-racial na revista. A escolha de ambas se deu pelo contexto: a primeira antecede a criminalização do preconceito racial previsto na ementa de 1967 da lei Afonso Arinos (1959) e a segunda, discorre sobre as mudanças após a inserção da ementa. Já a escolha pela análise sobre os casamentos inter-raciais na *Manchete* se deu pela relevância histórica e a forte presença da temática dentro da sociedade brasileira naquele período. Na década de 1960, a *Manchete* se transformou na mais importante revista semanal brasileira, superando o periódico *O Cruzeiro* (PÁDUA, 2013). Na revista, bem como em outras publicações, na televisão e no cinema, as relações inter-raciais amorosas passaram a ter visibilidade e tornaram-se, até pelo menos a década de 1980, pauta de polêmicas e debates na opinião pública e entre consumidores dos meios de comunicação. Nesta lógica, considera-se que o olhar atento para este passado, pode nos ajudar a compreender e refletir o tempo presente. Nesta mesma proposta, este estudo se justifica por somar-se às poucas pesquisas em torno da representação dos casamentos inter-raciais, principalmente no que diz respeito à construção do discurso jornalístico acerca de tais relacionamentos (SCHUCMAN, 2018). Focalizar a questão de temporalidades e engendramentos dessa pauta na revista *Manchete* é também uma novidade investigativa. O problema orientador deste estudo está assim proposto: Como a pauta do relacionamento afetivo inter-racial é trabalhada pela revista *Manchete*? O objetivo central da análise é problematizar como *Manchete* retrata os relacionamentos mistos ao longo do tempo e institui sentidos acerca das relações étnicos raciais. Especificamente, pretende-se: (a) investigar as representações acerca de raça, (b) compreender como as questões de

gênero e classe se articulam nesse contexto, e por fim (c) identificar tensões e contradições, permanências e rupturas presentes em ambas às matérias. Quanto ao método de abordagem, essa pesquisa se baseou no qualitativo com fins descritivos. O presente estudo deriva de um recorte proporcionado pelo percurso metodológico realizado na pesquisa de iniciação científica *Edições especiais de revista como diferenciação no tempo: a duração como objeto para apreensão de lógicas editoriais*, (março de 2021 a dezembro de 2022, Edital PIP/UFOP). Os dados foram obtidos através de um levantamento documental sobre a revista *Manchete*, no Acervo Digital de Periódicos da Biblioteca Nacional. Foi realizada uma busca por palavras-chave de reportagens que correlacionassem os termos “racismo”, “preconceito racial” e “preconceito de cor”. Como resultado da busca foram encontrados cinco textos publicados entre 1959 e 1999 na revista *Manchete*, que demarcavam a questão dos relacionamentos afetivos inter-raciais no Brasil. Para análise dos textos, “Amor em preto e branco” e “Casais Mistos: Retrato em preto e branco” adotou-se, primeiramente, a Análise de Conteúdo como suporte metodológico e foi possível correlacionar (a) as representações acerca do relacionamento inter-racial no Brasil, (b) as representações acerca das questões de gênero e classe, empregada nestes relacionamentos, e ainda (c) as percepções jornalísticas acerca do tema. No segundo momento, apoiou-se no relato jornalístico engendrado pela revista para examinar a representação realizada pelo jornalismo no que tange a questão racial no Brasil. A partir de uma análise discursiva, buscou-se perceber quais sentidos acerca das relações inter-raciais, tidas como característica nacional, foram discursivamente produzidos e construídos pela revista. O jornalismo é um campo de construção de sentidos, atravessado por relações de poder. Nesta perspectiva, o jornalismo de revista, tal como ele se apresenta historicamente, dispõe de singularidades. Em comparação a outros veículos, a revista engloba apuração e textos mais amplos e um direcionamento a um leitor específico e próximo (SCALZO, 2008), possuindo assim um "infinito particular, que aciona e é acionado por um jornalismo singular" (TAVARES, 2012). Tavares e Schwaab (2013) ao refletirem a partir das noções de mídia e comunicação sobre o jornalismo de revista e sua presença no âmbito social apontam a existência de uma trama invisível que perpassa práticas e especificidades fundamentais de sua constituição, que envolve “sujeitos produtores e receptores em um movimento de intensa coafetação”. Nesta perspectiva, a partir de

narrativas e traduções sobre certos acontecimentos, o jornalismo possui um papel essencial, no processo de construção do conhecimento e ideal cultural, uma vez que ele é atravessado por relações de poder. Augusti (2005) problematiza os valores que a revista *Veja* destaca como centrais para nortear o comportamento contemporâneo. Ao analisar o periódico, o autor aponta que as matérias jornalísticas fortalecem a lógica do individualismo moderno e provocam concomitantemente juízos sobre comportamento. Nesta corrente, *Manchete* estabelece um discurso que considera o relacionamento afetivo inter-racial um valor a ser conquistado e mantido para a efetivação de uma sociedade brasileira plural e multirracial. Silvia Ramos (2002) observa que em todos os âmbitos sociais no país existe a negação do racismo, e essa negação mantém a problemática num lugar de camuflagem. Na revista *Manchete*, a partir da análise dos textos coletados, observam-se os modos pelos quais os sentidos foram construídos acerca dos casamentos inter-raciais. Ambas as reportagens discorrem sobre a existência do racismo no Brasil. Contudo, em 1962, a matéria, aponta para um possível “complexo racial”, ao passo que demonstra a valorização da miscigenação como a principal característica nacional. Nesta visão as relações inter-raciais encontram-se demarcadas por um debate valorativo sobre o negro em detrimento do branco. Como aponta o texto: “Se o branco não gosta do prêtos deve ser reprovado, merece muito mais críticas o prêto que detesta brancos” (BÔSCOLE, 1962, p.92). Já, em 1986, a revista denota a existência de avanços sobre a pauta racial, bem como tensões. A união afetiva mista, ainda é vista como “motivo de choque cultural” (DAVIA, 1986, p.87): “Quer saber? Ninguém é culpado do racismo. É um problema de educação, de condicionamento. Não podia ser diferente. Garanto que nenhuma mãe, dentro dos padrões atuais, ficaria contente em saber que sua única filha quer se casar com um prêto. As pessoas precisam de tempo para se acostumar” (DAVIA, 1986, p.87). *Manchete*, ao agendar pautas como a do relacionamento racial, opera construindo um discurso de que apesar das diferenças socialmente valorativas entre o branco e o negro, no campo da afetividade essa relação pode acontecer. Porém o faz sugerindo a ideia de que no Brasil, o racismo pode ser amenizado com a união das diferenças. Neste sentido, empregando o jornalismo como um construtor de novas realidades, *Manchete* mobiliza sentidos sobre o relacionamento inter-racial de modo limitado. Uma vez que assim como essa relação pode significar um interesse de ambas as partes por romper barreiras socialmente impostas, pode também

revelar um reforço das diferenças, se levar em consideração os recortes de classe e gênero.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo; revista Manchete; representação; relacionamento Inter-racial.

REFERÊNCIAS

AUGUSTI, Alexandre Rossato. **Jornalismo e comportamento:** os valores presentes no discurso da revista Veja. Dissertação de Mestrado. PPG em Comunicação e Informação. Porto Alegre: UFRGS, 2005.

BARROS, Zelinda dos Santos. **Casais inter-raciais e suas representações acerca de raça.** 2003.

BENETTI, Marcia. Revista e jornalismo: conceitos e particularidades. In: TAVARES, Frederico Mello B.; SCHWAAB, Reges (Orgs.). **A revista e seu jornalismo.** Porto Alegre: Penso, 2013. pág. 44-57.

BÔSCOLE, Ronaldo. **Amor em Prêto e branco.** Manchete, Rio de Janeiro, 04 de agosto de 1965. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/004120/45956> Acesso em 12 Mar. 2022.

DAVIA, Lillian Bem. **Casais Mistos:** Retrato em branco e preto. Manchete, Rio de Janeiro, 20 de dezembro de 1986. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/004120/242118_Acesso em 12 Mar. 2022.

MORAES, M. L. B. (2019). Stuart Hall: cultura, identidade e representação. **Revista Educar Mais**, 3(2), 167–172.

NASCIMENTO, W. S. (2019). **O CASAMENTO DO PRETO MARAJÁ COM A BRANCA ARLETE:** relações amorosas e racismo em “Os discursos do Mestre Tamoda” de Uanhenga Xitu. *Outros Tempos: Pesquisa Em Foco - História*, 16(27), 26–41.

PÁDUA, Gesner Duarte. 06. Manchete: uma cortesia do poder. **Revista Brasileira de História da Mídia**, v. 2, n. 2, 2013.

POLI, Moema de. Repensando as uniões inter-raciais no Brasil. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 13, n. 4, p. 1051-1057, 2006.

RAMOS, Sílvia. **Mídia e Racismo.** Rio de Janeiro: Pallas, 2002.

RIBEIRO, Carlos Antonio Costa; SILVA, Nelson do Valle. Cor, educação e casamento: tendências da seletividade conjugal no Brasil, 1960 a 2000. **Dados**, v. 52, n. 1, pág. 7-51, 2009.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de revista.** 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2004.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. "Espetáculo da miscigenação." **Estudos avançados**, 8(1994), 137-152.



SCHUCMAN, Lia Vainer. **Famílias inter-raciais: tensões entre cor e amor.** SciELO-EDUFBA, 2018.

SODRÉ, Muniz. **Claros e escuros:** identidade povo e mídia no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1999.

TAVARES, Frederico de Mello Brandão. **Ser revista e viver bem:** um estudo de jornalismo a partir de Vida Simples. Tese de Doutorado. PPG em Ciências da Comunicação. São Leopoldo: UNISINOS, 2011.

TAVARES, Frederico M.; SCHWAAB, Reges. Revista e comunicação: percursos, lógicas e circuitos. In: TAVARES, Frederico Mello B.; SCHWAAB, Reges (Orgs.). **A revista e seu jornalismo.** Porto Alegre: Penso, 2013. pág. 27-42.

TAVARES, Frederico de Mello Brandão. "**Sobre o jornalismo de revista e seu infinito singular.**" *Revista Contracampo* 25 (2012): 97-116.